



Entrevista a Hélder Freire Costa

1. Tudo isto é fardo? (a degradação do Parque Mayer, a falta de investimento, o esquecimento do público).

Tudo isto é fardo! Tudo isto é Fardo acabou no passado domingo, teve uma carreira com diversos incidentes, tendo sido um deles a falta de público e isso porque há falta de dinheiro e as pessoas, quando têm opções, uma ida ao teatro é penalizada. As pessoas hoje lidam com dificuldades para pagar os estudos dos filhos, as rendas de casa, os consumos de água, luz e gás e alguns pais ajudam os filhos quando estes já estão casados. Tudo isto penaliza as famílias e por isso procuram aquilo que é mais barato e o mais barato é, de facto, o passeio ou uma ida à praia. Nós sabíamos que se prolongássemos a carreira da peça íamos ser penalizados assim que viesse o bom tempo porque as pessoas fogem todas para a praia, embora tenhamos tido um Inverno também muito rigoroso.

Mas aqui no Maria Vitória lutamos com essa degradação do Parque Mayer que referiu. É certo que derivado da nossa luta e persistência de continuar aqui e apresentar espectáculos com qualidade, tal como lançar jovens na actividade teatral, etc., tem contribuído para que o Parque seja encarado de uma outra forma e daí que se encontre agora em recuperação. Até aqui estava degradado e parado, mas agora estamos perto da inauguração do Capitólio, que também tem tido vários incidentes, tendo sido um deles a falência da empresa construtora e que abriu novo concurso para outros continuarem as obras, mas está a vias de ser inaugurado. Depois, os maldizentes vieram dizer que deitaram o Teatro ABC para fazer um parque de estacionamento, o que é mentira porque o ABC estava condenado desde 1991, quando era Presidente da Câmara o Sr. Jorge Sampaio. Aí, eu estava associado com o Vasco Morgado e nós combatemos isso com cartas, reuniões e entrevistas para todos os

órgãos ligado à actividade cultural, incluindo a Câmara, a Secretaria de Estado da Cultura e às pessoas mais notáveis para que se aliassem a nós nesta luta de não deixar ir abaixo o ABC. Perdemos essa guerra e mais recentemente houve um concurso para a recuperação do Parque Mayer e aí fomos mais uma vez vencidos, mas ficámos com a promessa de termos uma recuperação do Variedades, do Maria Vitória e do Capitólio, ou seja, os três teatros a penalizar os cinco que haviam, pois havia um teatro ao livre, precisamente neste espaço onde se encontra o ABC. Assim, vamos ter pelo menos três teatros no Parque Mayer e agora decorrem as obras. Quando as pessoas dizem que nós somos os culpados de tudo isto, não, nós somos os vencedores, porque aqueles que abandonaram o Parque, que o utilizaram como degrau para ir para a Televisão, entre outros, esses é que perderam porque nunca acreditaram que o Parque Mayer iria realmente ser recuperado. Se calhar, eles queriam o Parque Mayer como ele era antigamente, com “tirinjos” e essas coisas, mas isso acabou. A vida muda e o vosso tempo é outro e por isso, desde que tenhamos o Parque Mayer com teatro, já estamos satisfeitos.

2. Como surgiu a sua paixão pelo Teatro de Revista e o que o faz continuar há 50 anos a produzir espectáculos de Revista?

É simples. Quando eu era miúdo estava ligado às colectividades da juventude, onde havia bailes e bares onde também se faziam bailes, ao domingo. Na minha área de nascimento, ao pé do Museu da Arte Antiga, frequentei a escola primária e a minha mãe da janela de casa via-me sair para o recreio e controlava-me. Aí estavam localizadas duas colectividades onde se faziam bailes e que eu frequentei. Ali aprendi a dançar e, como jovem que era, tínhamos os grupos de amigos e começámos a procurar outras actividades. Um dia, com 16 anos, fui para a colectividade e perguntei se poderia realizar lá bailes. Não queríamos receita nenhuma, a receita era a favor da colectividade, era apenas para juntarmos pessoas amigas. Lembro-me como se fosse hoje: na minha casa fazia com uma cartolina duas ranhuras, para entrar uma fitinha, onde nós tínhamos a publicidade, por exemplo, “bailes juventude” e a data e eram colocados ao pé das escolas. Como éramos conhecidos da malta nova, conseguimos atrair pessoas para fazer esses bailes. Um dia, fomos convidados para organizar um

baile na Padaria do Povo de Campo de Ourique e a partir daí começámos a fazer em vários sítios. Ia muita gente, mas no meu sítio, por exemplo, as raparigas filhas de pessoas mais endinheiradas não saíam à rua sequer, e nós íamos falar com os pais delas e motivá-los a ir também aos bailes e trazes as filhas. Nós fizemos dessa colectividade um local muito frequentado por jovens e não deixávamos que nada perturbasse esse ambiente, pois se fosse preciso apresentava-se queixa à direcção quando apareciam alguns já enfrascados, até sermos nós a controlar todas as pessoas que entravam nos bailes. Nessas festas, chegaram a ir artistas como a Anita Guerreiro, o Max e o Vasco Santana, ainda ele não pensava ir para o teatro. Um dia, lembrei-me de pôr nessa colectividade teatro amador e chegámos a encenar uma peça, eu próprio era também actor, mas aquilo demorou muito tempo e acabou por não se fazer. Nós chegámos a organizar bailes na esplanada da praia de Paço de Arcos, que foi a primeira praia a ter sonoridade em toda a praia e por isso era muito fácil, pagávamos uns tostões e eles anunciavam e foi muito giro. Nós à meia-noite íamos para a praia, tomávamos banho, quando era Verão, claro. Entretanto eu trabalhava num banco mas perdi o trabalho porque andava sempre nos bailes e chegava sempre atrasado. Nessa altura, comecei a escrever e enviei e, dias depois, cheguei a casa e a minha mãe disse-me que tinham ligado do cinema Capitólio e o Sr. Bastos, que foi sócio do Vasco Morgado, queria falar comigo. Ele tinha uma companhia em África e tinha regressado a Portugal e precisava de uma pessoa que preenchesse o lugar da sua antiga secretária. Ele gostava muito de mim, havia uma grande empatia, e eu era a pessoa ideia porque como trabalhava num banco mexia com cheques, letras. Depois, estive sempre de saída porque a minha vida não era esta, queria regressar a um banco, mas fui ficando e cada vez os artistas gostava mais de mim, tal como o Sr. Bastos, pois eu passei a ser para ele o filho que não tinha. A 11 de Abril de 1975 ele morre, de doença súbita, e eu sou chamado à responsabilidade, como braço direito dele, mas não podia porque para isso a pessoa tem que ter um crédito, dinheiro e eu não tinha nada disso. Mas eu aceitei o desafio, estávamos com um grande êxito em cena, o “Até parece mentira”, com a Florbela Queirós, o Henrique Santana, o Salvador, o Manuel da Silva, que foi a primeira Revista livre do pós-25 de Abril e estive quase um ano em cartaz e sempre

com lotações esgotadas. Assim, eu só tinha que continuar com aquele sucesso e fazer uma Revista depois dessa, mas como o espectáculo estava em pleno êxito eu aventurei-me. Há sempre um momento na vida em que devemos tomar atitudes e se não tomarmos nesses momentos, não tomamos nunca mais e foi o que me aconteceu. Eu tive várias alturas para sair, mas não saí e fiquei com isto às costas, faz agora 40 anos. Durante este tempo, foram acontecendo várias coisas, tivemos o incêndio aqui no Maria Vitória, consegui que nos emprestassem o Maria Matos e fomos para lá para chamar a atenção das pessoas e como havia aquela onda de solidariedade devido ao incêndio fomos com a Revista “Isto é Maria Vitória”. Depois fiquei sem teatro e associei-me ao Vasco Morgado e ele queria que eu fosse para o Capitólio mas eu disse que não ia, pois tinha más recordações, o José Pais perdeu ali muito dinheiro, e então fomos para o Variedades e ali fizemos a melhor Revista até hoje conseguida, batendo o recorde da Revista que estava aqui em cena na altura do incêndio, o “Não batam mais no Zezinho”, onde eu trouxe o Mário Zambujal como co-autor. No Variedades fizemos ainda “A prova dos nove”, que foi a Revista onde se lançou toda a juventude que andava no teatro, que eram segundas, terceiras e quartas figuras ou, como no caso da Marina Mota, apenas atracções, foram lançados todos como primeiras figuras e o êxito foi enorme. Fizemos um ovni que vinha do cimo do teatro com os actores, o que era muito perigoso, eu estava sempre com medo, mas o ovni era seguro, parava a pouca altura da cabeça dos espectadores.

3. Que importância assume a Revista à Portuguesa na cultura nacional?

Muita. A Revista é a forma de teatro mais completa, cabe tudo o que a imaginação do autor trazer. Nós já tivemos na Revista patinadores, dançarinos, tivemos também duas cantoras japonesas. Já tivemos atracções internacionais e nacionais, no caso das nacionais tivemos uma de canção e outra de fado, que foram a Mónica Sintra e a Raquel Tavares. Mas sendo que este é um género que permite tudo aquilo que a imaginação do autor nos der, o actor também tem que ser completo. Representar, como eu costumo dizer, é apresentar o nosso dia-a-dia, o teatro é a representação da vida real. A Revista tem o problema de ter tons mais altos, o que não acontece na vida real, que vêm do antigamente, quando a Revista não tinha som, os

teatros eram maiores e tinham mais público. Aliás, a Revista era o teatro do povo. E, nesse sentido, tinha que se falar mais alto, dizia-se “fala para que aquela velhinha, que está na última fila, de ouça”, só que alguns exageram.

A Revista é o espectáculo das famílias. De forma divertida faz as críticas que o povo gostaria de fazer e não consegue e fala abertamente, porque lhe é desculpado. Se o cidadão comum disser alguma coisa na rua, provavelmente terá problemas, pode levar com um processo-crime porque ofendeu alguém. Aqui, se nós dissermos certas coisas, os políticos riem-se. Claro que “engolem os sapos”, mas riem-se e o importante é que ouviram. Por isso, a Revista é o espectáculo do povo, é a porta-voz do povo.

Eu vinha aos espectáculos quando era miúdo, isto num tempo em que as famílias eram muito unidas, na pobreza e na riqueza. E as famílias vizinhas conheciam-se. Hoje as famílias vivem num prédio e não sabem quem mora no segundo andar, eu próprio estou nessa circunstância. Hoje há outras coisas e eu também convivo com elas, mas não há aquelas que houve no meu tempo e estás não me trazem amor como as outras me trouxeram.

Agora, porquê que o Teatro de Revista perdeu jovens: no meu tempo, havia bailes e o teatro e havia o hábito de os frequentar, tanto com a família como com os vizinhos, a primeira vez que fui à Revista foi com um vizinho. Antigamente, os lugares que se vendiam mais eram os camarotes, que dão para cinco pessoas, porque eram para as famílias. Hoje, são de três lugares e quase não se vende. Antes, a plateia era mais difícil de vender, precisamente porque ninguém vinha ao teatro sozinho. Agora, nas famílias, a mãe vai para uma reunião, o pai vai para outra, cada um no seu carro, os irmãos vão cada um para o seu sítio e antigamente não era assim, havia as saídas das famílias para a praia ou para o teatro. Também os jovens passaram a ter outros programas, como aconteceu com o meu filho, embora hoje seja actor de Revista, e muitas vezes eu fala com ele e com os amigos dele e dizia “a actividade perfeita é virem jantar ao Bibicas, virem à Revista ao Teatro Maria Vitória e depois sim ir para a 24 de Julho”, são três atitudes diferentes e todas elas construtivas, porque têm o jantar que é a confraternização, tem o teatro que está ligado à parte da cultura e depois vão para a

noite para se divertirem, “curtir”, como eles costumavam dizer. Eles diziam que era caro ir à Revista, mas no fundo acabam também por gastar dinheiro na noite e muitas vezes têm chatices, enquanto aqui ficam mais sossegados. E nós podíamos fazer um preço especial, que fazemos muitas vezes. Mas, essencialmente, é isso, há falta de confraternização entre as famílias no gosto pelo teatro. Os meus filhos adoram e por isso tenho a garantia que as namoradas vem todas ao teatro, até o mais velho, que é casado, trás as minhas netas, de modo que isto tem a ver com a família. Isto não deixou de existir ou pode voltar a existir se cada um propuser aos pais ir ao teatro, por exemplo. E é por estas coisas que os jovens deixaram de ir ao teatro, mas muitas vezes não vêm porque também não sabem, não conhecem. Mas a verdade é esta: em geral, depois dos espectáculos, o público vêm-me cumprimentar e quando tem gente jovem, eu pergunto se gostaram e dizem-me sempre que sim e depois pergunto se passam a gostar e o que me dizem é que, até aquele momento, só ouviam dizer mal e agora que vieram ver com os seus olhos, adoraram o espectáculo e que vão voltar. E a verdade é que se vocês foram às minhas páginas de Facebook vão ver que tenho lá muitas felicitações de gente jovem.

O José La Féria, que morreu há poucos anos, uma vez fez uma entrevista a mim e ao Filipe Morgado e no final mostrou uma entrevista que tinha feito na rua, às pessoas, muito extensa. Devo dizer-vos que 90% das pessoas, a primeira vez que vieram ao teatro foi à Revista e ao Parque Mayer e todos eles adoravam Revista. Eu combati o meu filho mais velho por causa do teatro, porque quando ele andava na escola levaram-no ao teatro e quando ele chegou a casa disse “pai, quando estiveres chateado comigo bate-me, mas não me levas ao teatro, aquilo é inconcebível para uma pessoa da minha idade, é tudo muito triste e muito sério” e eu disse-lhe que ele tinha que ver todas as formas de teatro e ele agora adora Revista, está aí sempre, tal como os meus outros filhos. Quando o meu filho Diogo se estreou na Revista veio a minha família toda e agora muitos deles estão aí sempre. Vocês, jovens, necessitam criar grupos e, em vez de irem só para a 24 de Julho, vão também ao Teatro e vocês vão ver que é uma noite bem curtida.

Aqui no Maria Vitória, fui responsável por lançar primeiras figuras como a Marina Mota, Carlos Cunha e Fernando Mendes, mas agora, neste último espectáculo, tínhamos figuras como o Flávio Gil, que é muito bom, grande actor, com apenas 24 anos. Para além de actor é co-autor, canta, toca música e é um artista completo, em tudo ele é bom. Ele, neste momento, faz um número que era feito pela Vera Mónica, grande actriz que todos conhecemos e que se tivesse “juizinho” naquela cabeça era a melhor delas todas, só que nunca teve juízo e a Marina passou-lhe por cima. Ela era a primeira figura deste espectáculo e tinha aqui um número fantástico a propósito do filme *A Rapariga de Roubava Livros*, mas ela foi-se embora de repente, lá está, aquelas “maluqueiras” que lhe dá na cabeça, e eu tive vários problemas, até em tribunal, porque continuei a manter a fotografia dela nos cartazes, porque é uma coisa difícil de apagar depois dos cartazes já estarem expostos. Mas ela acabou por ser substituída por outra actriz, contudo foi o Flávio Gil quem fez esse número sério da Revista, o melhor número, antes feito pela Vera, passando a ser “o menino que roubava livros” e devo dizer que, com ele, alcançou um êxito que antes o número nunca havia tido com a Vera, que é actriz experiente e ele que é o principiante. Isto aconteceu porque ele o fez com sentimento. Eu, pela primeira vez, percebi o número, tal como muitos colegas e ele foi sempre aplaudido de pé. Ainda ontem um jornalista me perguntava se ele não se estava a perder neste género teatral. Claro que eu sei que um dia vou perdê-lo, como já aconteceu quando ele foi para o Politeama, embora depois tenha vindo pedir humildemente para voltar para o Maria Vitória e agora está cá e está a ter muito sucesso. Também a Vanessa, que agora está no Politeama, o maior êxito da carreira artística dela foi aqui no Maria Vitória, num número em que ela fazia de miúdo. Já teve algum número igual? Alguém fala dela agora? Quando ela esteve aqui, toda a gente falava dela. É aqui que eles têm o sucesso e depois é daqui que vão para outros sítios e eu estou habituado a isso, as pessoas não são eternas. Um actor não é um empregado efectivo de uma empresa, está num projecto e depois pode querer ir para outros projectos e esse, um dia, vai ser o caso do Flávio. Quando ele saiu daqui eu zanguei-me porque ele estava indigitado para o elenco da Revista que vinha a seguir e ele resolveu não ir porque queria ir em tournée com a Marina Mota. Mas não foi por isso que fiquei

chateado, foi porque ele não veio falar comigo a explicar a situação e perguntou-me o que tinha para lhe oferecer e eu não gostei. Mais tarde pediu desculpa, voltou e já está cá há três Revistas e a ter um enorme sucesso em cada uma delas. Então, esse tal jornalista, perguntou-me se ele na próxima Revista já poderia ser primeira figura e eu perguntei-lhe o que entendia por primeira figura, porque essa não é uma pessoa que tem talento mas sim que leva pessoas ao teatro. E agora, as pessoas vêm cá e todas dizem que ele é muito bom e é isso que vai fazer com que, mais tarde ele se torne numa primeira figura, porque as pessoas vão começar a vir à Revista para o ver. A primeira figura é o público que a faz, não somos nós.

4. Na sequência daquilo que referiu, essa aposta em jovens actores é uma forma de assegurar o Teatro de Revista?

É exactamente isso. Eu hoje tenho o grande prazer de saber que pessoas foram lançadas aqui na Revista e que hoje são primeiras figuras no país e vou ter muito orgulho, um dia, de ouvir as pessoas a falarem do Flávio.

5. E como é que sobrevive a Revista à Portuguesa, considerando os escassos apoios e falta de subsídios do Estado?

Sobrevive com o dinheiro do público. Durante alguns anos, sobreviveu com o meu dinheiro e da minha família e agora com grandes dificuldades, nomeadamente em pagar os ordenados. Quando começou a crise, eles alteraram o IVA e o teatro e a cultura, que eram tributados em 6%, passaram para 13%, o que representa mais 115%, o que trouxe grandes problemas ao teatro. E nessa altura cometi o erro de assumir como minha responsabilidade a diferença do IVA, para o preço dos bilhetes não aumentar, e ainda baixei o preço porque comecei a ver que as pessoas não tinham 30€ para pagar. No entanto, as pessoas continuam a vir porque apesar de estar nos 30€ agora, há sempre descontos e por isso nunca pagam esse valor e também porque esses que pagam 30€ para assistir à Revista são aqueles que vêm porque gostam mesmo e por isso vão continuar a pagar.

6. Quem é o público do Teatro de Revista no Maria Vitória?

É todo o público. Se assistir a uma sessão, vai ver que o público era muito variado, desde jovens a pessoas muito idosas. Ao contrário do que as pessoas pensam, aqui no Maria Vitória, nós temos sessões com muita gente jovem, mesmo. Não temos é as famílias, que era a riqueza do Teatro.

7. Para si, a Revista está viva no coração do público português ou é considerada uma arte menor?

Está viva, ainda é o teatro do povo. Aliás, se o Teatro de Revista não é o teatro do povo, mais nenhum o é. Eu ouço muitas pessoas a dizer “nós esgotamos sessões”, pois, não contam é porquê. Esgotam dando bilhetes “a torto e a direito”, até a quem vai na rua, coisa que eu não faço aqui, isso é um crime! Havia pessoas que diziam que o Vasco Morgado fazia isso, mas nunca o fez.

8. Neste momento, quais são os grandes nomes da Revista à Portuguesa?

Continuam a ser os mesmos. O José Raposo, a Marina Mota, o Fernando Mendes, o João Baião, o Paulo Vasco, a Vera Mónica, todos esses que continuam a ser primeiras figuras. Claro que outros nomes vão chegar, estou agora a apostar nesta nova fornada, onde vão surgir muito brevemente a Élia e o Flávio, com certeza, e vão aparecer mais porque temos aí gente com muito valor.

9. Do nosso ponto de vista e do que averiguamos, consideramos que a comunicação é cada vez mais importante não só para divulgar, mas também para criar notoriedade, e que passa, actualmente, pela presença em canais digitais. Como é que justifica a fraca aposta em comunicação pelo Maria Vitória?

Nós apostamos, apostamos em tudo. As pessoas não tomam conhecimento porque não querem. Eu, na minha família, tenho jovens e eles fazem essas buscas, temos também uma série de páginas no Facebook, temos *site*, temos tudo. E, para além disso, se calhar temos coisas que outros não têm, como cartazes nos comboios, nas linhas regionais, na rodoviária, temos muita coisa. O problema é que hoje a publicidade é tanta que as pessoas já não prestam atenção. Antigamente a publicidade era rara. Houve uma altura em que eu coloquei os elétricos, na cidade de Lisboa,

pintados com publicidade do Maria Vitória, em três peças seguidas. O primeiro *Correio da Manhã* colorido, o primeiro jornal em Portugal a ser a cores, tinha publicidade nossa, fomos os primeiros anunciantes coloridos do *Correio da Manhã*. No Rossio, há um prédio com uma grande parede vazia onde eu consegui colocar o cartaz gigante, fiz um desfile de bandas e música também para anunciar as peças, que percorriam a cidade de Lisboa, entre muitas outras coisas que já fiz. Se há publicidade que se tenha feito, o Maria Vitória foi o número um, porque fez publicidade que nunca ninguém tinha feito antes nem fez depois. Fiz tudo o que podia e continuo a fazer, só que agora “pia fino”, não há dinheiro. Antes era diferente, nós oferecíamos quatro bilhetes diários ao Diário de Notícias, por exemplo, e eles enchiam uma página completa com publicidade nossa a um preço muito baratinho. Hoje as dificuldades são diferentes, há *lobbies*, há muito interesses em jogo. Não tenho sorte com os patrocínios, embora tivesse tido durante muitos anos a *Carmim*, mas agora houve uma reestruturação e “foi tudo à vida”, tinha também apoio da TVI, mas também acabou com o apoio (*faz gesto que indica dinheiro*). Antes a publicidade era para fugir aos impostos, apostava-se na televisão que era uma coisa mais imediata, mas agora não há dinheiro.

10. Três bons motivos para levar os jovens à Revista.

Primeiro, a Revista é divertida e deixa as pessoas bem-dispostas. Segundo, as pessoas vão ouvir aqui coisas que muitas vezes não tinham chegado a tomar conhecimento. E terceiro porque a Revista é o espectáculo do povo. Poucos países no mundo têm uma tradição teatral e Portugal é um dos países que tem. E dos poucos que têm tradição teatral, são poucos os que têm teatro próprio e Portugal tem, isto é um espectáculo dirigido ao nosso povo, só ele é que entende. Um brasileiro vem cá, pode perceber a nossa língua, mas depois não entende o conteúdo. É uma forma teatral portuguesa e os portugueses devem apoiar o que é nosso e o Teatro de Revista é um teatro muito nosso. Tal como eu o herdei dos meus antecessores, eu vou transmiti-lo aos mais novos, embora lutando com as dificuldades. Mas há uma certeza que eu tenho, e fazemos uma aposta aqui consigo já, seja qual for o jovem que venha ver a

minha Revista, posso garantir-lhe que fica fã porque todos eles gostam. Sempre que eu vejo jovens aqui, vou falar com eles e pergunto se gostaram e peço-lhes que sejam sinceros porque assim até me ajudam e eles dizem que não gostaram de um dado momento, por norma os mais chatos, mas no geral gostam muito. Todos nós temos gostos diferentes.